

**GRANDE
DICCIONARIO
DA
LITERATURA
PORTUGUESA
E DE TEORIA LITERARIA**

DIRIGIDO POR JOÃO JOSÉ COCHFEL

VOLUME I



INICIATIVAS EDITORIAIS



shi

sua época. Nega ele que esteja implícito no conceito a ideia de gracejo ou de ironia, definindo-a deste modo: «*urbanitas, in qua nihil absonum, nihil agreste, nihil inconditum, nihil peregrinum, neque sensu reprehenderis neque ore gestumue posse deprehendi: ut non tamen in singulis dictis quam in toto colore dicendi: qualis apud Graecos ἀπαισιμότης ille redolens Athenarum proprium saporem.*» Beda, o Venerável (672-735 d. C.), no seu *Liber de Schematibus et Tropis* (in *Rhetores Latini Minores*, C. Halm, Frankfurt am Main, 1964, pp. 607 e segs.), regista várias acepções do vocábulo entre as quais a de *urbanidade não isenta de gracejo* e a de *alegoria*. Ernesti (séc. XVIII), no *Lexicon Technologiae Graecorum Rhetoricae* (reed. Hildesheim, G. Olms, 1962), assinala para *asteísmo* as acepções de *gracejo polido*, *flores de estilo* e ainda de *preterição* ou *paralipse*. Os dicionaristas e tratadistas mais recentes consideram o *asteísmo* uma espécie de que a *ironia* será o género. As definições, porém, são contraditórias. Confrontemos, por ex., as seguintes: «O *asteísmo* é uma ironia menos insultante» (do que o sarcasmo) e que vitupera com uma aparência de urbanidade, como em Virgílio (*Eclogas*, III, 90): «*Quem não odia a Bavió os cantos ame / Que tu, ó Mevio, entoas.*» (A. Cardoso Borges de Figueiredo, *Instituições Elementares de Retórica*, Coimbra, 1883, pp. 112 e 113). «Expressão delicada e engenhosa, repassada de ironia, que disfarça a lisonja ou o louvor sob a aparência de censura ou admoestação» (*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*). Cf. igualmente, para esta última interpretação, as definições do *Dicionário de Morais*, 10.^a ed., 1950; do *Dictionary of World Literature*, de J. T. Shipley, Nova Iorque, 1943; do *Dictionnaire des Littératures*, dirigido por Ph. van Tieghen, P. U. F., 1968.

[M. H. P.]

ATA-FINDA. V. Finda.

ATAÍDE, ALFREDO DE (Lisboa, 26.7.1834 — França, ?2.1907). Autor dramático que escreveu, sozinho ou em colaboração, várias dezenas de peças, originais e traduzidas, que se representaram em quase todos os teatros de Lisboa. As suas obras mais populares foram as comédias em um acto *O Tio Torquato* e *Rosário*, *Batina* e *Chambre*, continuação da anterior, que o grande actor Taborda interpretou no Teatro do Ginásio em 1860, e em que perpassa a discreta ironia pequeno-burguesa de um Labiche. Merecem ainda referência as operetas *Joana do Arco* e *E. Nordeste & C.*,

para as quais o maestro Gomes Cardim compôs a música, representadas no mesmo Teatro na temporada de 1869-70, e *O Sol de Navarra*, com música de Augusto Machado, que subiu à cena no Teatro da Trindade em 1870. Das suas várias traduções salienta-se a de *La Vie Parisienne*, a célebre ópera-cômica de Offenbach, a que deu o título de *Viver de Paris*, e em que teve como colaborador Duarte de Sá.

[L. F. R.]

ATAÍDE, LUÍS BERNARDO LEITE DE. V. Açores.

ATENEU (O). Título de duas revistas que se publicaram na década de 1850, a primeira em Lisboa (1850), onde se encontra uma série de artigos de José Maria do Casal Ribeiro sobre os sistemas socialistas, particularmente o de Fourier; a segunda em Coimbra, de que saíram apenas cinco números (1859-1860), com a colaboração, entre outros, de Camilo Castelo Branco, João de Deus, Vieira de Castro e Vitorino da Mota.

[V. de S.]

ATENUAÇÃO. V. Litotes.

ATHENA. Revista de vanguarda de que se publicaram em Lisboa cinco números (constituindo um 1.^o volume) datados de Outubro de 1924 a Fevereiro de 1925, e muito importante por ter sido seu director Fernando Pessoa* (com o crítico de arte Ruy Vaz) que nela se publicou e a heterónimos seus como em nenhuma outra revista da época. O espírito da revista foi definido por Pessoa no ensaio de abertura e numa entrevista ao *Diário de Lisboa*, em 3/11/1924. *Athena* vinha na sequência das revistas de vanguarda — *Orpheu** (1915), *Centauro** e *Exílio** (1916), *Portugal Futurista** (1917) — e a sua curta vida foi paralela de *Contemporânea** (1922-26) de que Pessoa foi colaborador assíduo. Mas há nas páginas da revista um nítido desejo de tornar o Modernismo* respeitável, ao mesmo tempo que um compromisso com a linha simbolista-esteticista que já fora uma das dominantes da *Águia portuense* e que longamente repercutirá noutras revistas (*Bysancio**, 1923-24, *Tríptico**, 1924-25, a própria *presença*) em que sempre algum saudosismo persistiu sob essa capa. Pessoa publicou em *Athena* 16 poemas ortónimos, 20 odes de Ricardo Reis* e 39 poemas de Alberto Caetano* (assim revelando pela primeira vez estes heterónimos), além de dois discutidos ensaios de Alvaro de



Capa do n.º 1 de Athena, Outubro de 1924

Campos* (*O que é a metafísica e Aparentamentos para uma estética não-aristotélica*, ao último dos quais foi também na revista publicada uma resposta de Mário Saa*, do belo ensaio sobre Mário de Sá-Carneiro* (apresentando os «últimos poemas» dele, mais tarde publicados em conjunto com *Índicios de Ouro**, em volume), e de traduções suas de oito epigramas da *Antologia Grega*, três poemas de Edgar Poë (*O Corvo*, *Annabel Lee*, *Ulalume*), três contos do americano O. Henry, e o célebre trecho de Walter Pater sobre a «Gioconda». Do grupo de *Orpheu* aparecem na revista, a mais de Pessoa e de Sá-Carneiro (de cujos inéditos Pessoa era o detentor), Almada-Negreiros* com desenhos e *Pierrot e Arlequim*, Raul Leal*, com *A Loucura Universal*, e Luís de Montalvor* com dois poemas. Imediatamente próximos do grupo, são publicados António Botto* (algumas das *Cartas que me foram devolvidas*) e Mário Saa (os *Poemas da Razão Matemática*). Os restantes colaboradores recrutam-se no círculo das estimas literárias ou amizades pessoais de Fernando Pessoa; Henrique Rosa, António Alves Martins (que Pessoa pouco depois incluirá na antologia da *Solução Editora*, preparada com António Botto e depois publicada

por este em volume com adições extemporâneas), Augusto Ferreira Gomes, Gil Vaz, Castelo de Morais, Francisco Costa, Carlos Lobo de Oliveira, António de Séves, etc., que são precisamente quem define os prolongamentos esteticístico-saudosistas ou afins (correspondendo aliás a uma corrente literária mais persistente do que se julga e que ainda aguarda estudo criterioso). Subintitulada «revista de arte», *Athena* publicou também interessantes notas críticas sobre arte portuguesa ou a arte em Portugal, devidas em grande parte a Ruy Vaz, e o seu aspecto gráfico, discreto e simples, era também «capa» para a respeitabilidade do Modernismo vanguardista. Mas os artigos de Alvaro de Campos e muita da colaboração da revista não se destinavam por certo a ganhar a boa vontade da crítica academicista.

[J. de S.]

BIBL.: *Fernando Pessoa — Páginas de Doutrina Estética*, sel., pref. e notas de Jorge de Sena, Lisboa, 1946 (em que são incluídas, com notas, as prosas que Pessoa publicou na *Athena*); Fernando Guimarães, *A Poesia da «presença» e o aparecimento do Neo-Realismo*, Porto 1969 (para um quadro geral das revistas da época).

ATLÂNTICO (Revista Luso-Brasileira, 1942-1950). Iniciou-se na Primavera de 1942, tendo como directores António Ferro e Lourival Fontes, secretário de redacção José Osório de Oliveira*, e direcção artística de Manuel Lapa. Edição conjunta do Secretariado da Propaganda Nacional (Lisboa) e do Departamento de Imprensa e Propaganda (Rio de Janeiro), decorrente do Acordo Cultural Luso-Brasileiro, assinado a 4 de Setembro de 1941, no Palácio do Catete (Rio de Janeiro), pelos dirigentes do periódico, objectivava «revelar Portugal novo aos brasileiros. Revelar o novo Brasil aos portugueses». Publicados seis tomos, em 1946 principia nova série, de formato menor, a fim de tornar o órgão «mais frequente e mais acessível, para melhor realizar a sua missão». Permanece, contudo, a qualidade gráfica e iconográfica que assinalara a revista desde o começo. Em 1950, a publicação deixou de circular. *Atlântico* abrigava primordialmente nomes consagrados no tempo, como Eugénio de Castro, Tristão de Ataíde, Aquilino Ribeiro, Augusto de Castro, Júlio Dantas, Cecília Meireles, Afrânio Peixoto e outros. E acolhia também os «novos», sobretudo os que cultivavam uma literatura mais próxima das convenções vigentes, como Rui Cinatti, Jorge de Sena, José Blanc de Portugal, Clarice Lispector, Rosário Fusco e outros. Todavia, em coerência com o programa inaugural, abria espaço para um julgamen-